



História de uma

Duas décadas de trabalho nos deixam marcas e experiências e a convicção de que, neste fim de século de grandes transformações - que nem sempre representam avanços verdadeiros-, o jornalismo comprometido com as lutas populares é mais necessário que nunca

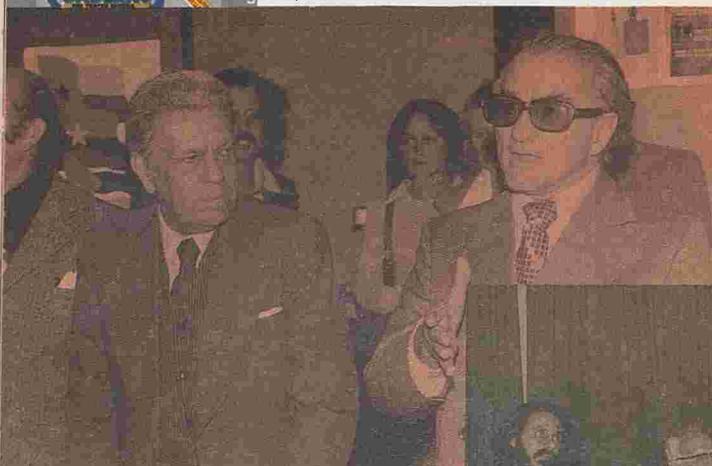
Beatriz Bissio

O lançamento de **tercer mundo** - assim inicialmente se chamou a revista, **cuadernos** veio depois - foi uma reunião cálida e riopratense, com vinho e pastéis em uma noite fria de setembro, em Buenos Aires. Um verdadeiro acontecimento político: havia jornalistas, dirigentes partidários, líderes sindicais, exilados. Era a concretização de um projeto idealizado por Neiva Moreira desde que visitara a África por ocasião da V Conferência dos Não-Alinhados, realizada em 1973 em Argel, constatando a falta de interesse da grande imprensa na temática dos povos do Terceiro Mundo.

Por mais esperanças que tivéssemos de estar lançando uma semente fecunda no terreno do jornalismo, nenhum de nós suspeitava que aquela modesta revista, por mais bem intencionada que fosse, chegaria a fazer vinte anos. Vinte anos! Naquela etapa, de repressão latente ou explícita em cada esquina do continente, não se faziam planos de longo prazo. Com a recente morte de Perón, a Argentina começava naquele momento a percorrer o doloroso caminho para a ditadura, precedida por aquela híbrida etapa de Isabelita, em que as forças repressivas testaram seu poder de fogo. Vivíamos intensamente o presente, buscando construir um futuro melhor, ainda difuso em seus contornos, mas que não podia deixar de ser solidário e justo.

O rápido crescimento da tiragem mostrou que existia um círculo de leitores aberto à proposta editorial pioneira de dar prioridade aos países do Terceiro Mundo através de sua própria voz, em oposição à maior parte da informação disponível, que era pouca e filtrada pela ótica das nações industrializadas.

Lançamento da revista no México (abaixo): Genaro Camero Checa, presidente da FELAP (esquerda) e Neiva Moreira, fazendo uso da palavra



Lançamento da revista no Brasil. Da esquerda para a direita: Nilton Caparelli, Barbosa Lima Sobrinho, presidente da ABI, Neiva Moreira e Altair Campos



FOTO: BEATRIZ BISSIO



REVISTA DE POLÍTICA E CULTURA



bela aventura

Projeto truncado pela repressão - Foi justamente esse potencial da revista que incomodou os que se preparavam para tomar de assalto o poder. Em pouco tempo, da equipe de quatro fundadores de **tercer mundo**, três tiveram que abandonar a Argentina. Pablo Piacentini, que além de ser um dos editores da revista era assessor do ex-presidente Héctor Cámpora e membro da equipe editorial do jornal *Noticias*, vinculado ao movimento Montonero, foi incluído em uma das primeiras listas de condenados à morte pela Tríplice A (Aliança Anticomunista Argentina), a organização terrorista comandada nos bastidores pelo ministro do Bem-Estar Social, López Rega, e responsável por muitos dos assassinatos e desaparecimentos que caracterizaram o período ditatorial argentino.

FOTOS: BEATRIZ BISSO

A sorte de Pablo foi estar no Peru quando se divulgou a lista, e o que devia ser uma breve viagem a trabalho como jornalista acabou transformando-se em um exílio de longos anos.

FOTO: CDCC

Pouco depois, com apenas dois números de **cadernos** editados em Buenos Aires, Neiva Moreira e eu fomos "convidados" a deixar a Argentina em um prazo de 24 horas por um grupo armado que invadiu durante a madrugada o hotel onde residíamos. No dia seguinte, 3 de outubro de 1974, com ajuda da embaixada do Peru - que improvisou para Neiva um salvo-conduto sem valor legal para compensar sua falta de documentos de viagem (os exilados brasileiros não tinham direito a passaporte) e "agradeceu" generosamente a "compreensão" demonstrada pelos funcionários da imigração - tomávamos um avião para Lima, onde reencontraríamos Pablo. Lima, naquele dia, tinha sido devastada por um dos piores terremotos dos últimos tempos, e chegamos quando ainda se sentiam os chamados "tremores secundários".



Pablo Piacentini (centro) no lançamento da revista em Lisboa

Ficava para trás Julia Constenla que, como diretora e proprietária da editora La Línea, havia se incorporado ao projeto permitindo sua implementação prática. Durante alguns meses logramos preparar a revista em Lima e enviar os originais a Buenos Aires, onde continuava sendo editada. Mas à medida que o regime ia se fechando, o cerco a publicações como **tercer mundo** se endurecia e, depois de sofrer sucessivos atentados, a editora La Línea foi obrigada a suspender suas atividades. Com ela se encerrava, também, o primeiro ciclo da revista, que estava em seu nono número.

Lançamento no México. À direita, o jornalista Luis Suárez e o engenheiro Enrique Cortés Reyna, que, por exigências legais, figurou como diretor da revista. Atrás, ao centro, o almirante peruano Jorge Dellepiane



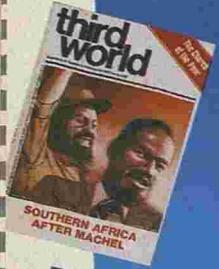
MOMENTOS DECISIVOS DA REVISTA



Uma vista geral do lançamento da revista no Brasil, na ABI, no Rio de Janeiro



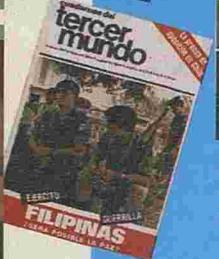
No lançamento da revista no México, dois colaboradores já falecidos: o jornalista uruguaio Daniel Waksman e o dirigente socialista boliviano Marcelo Quiroga Santa Cruz, assassinado durante a ditadura de García Meza



Debate promovido na sede de cadernos no Rio de Janeiro, sobre a situação em El Salvador. Ao centro, faz uso da palavra o dirigente da FDR de El Salvador, Guillermo Lugo, já falecido



O coronel Artur Batista (2ª à esquerda), general Carlos Fabián, e Carlos Castilho, em ato promovido pela revista em Lisboa



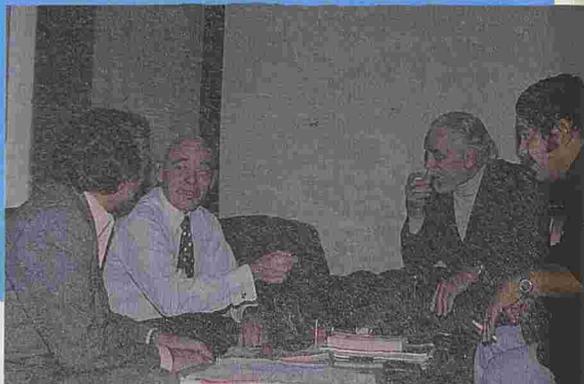
Roberto Bissio, editor responsável do Guia do Terceiro Mundo desde o seu início no México. Atualmente, é diretor do Instituto do Terceiro Mundo, em Montevidéu



Visita do dirigente do MPLA, Lopo do Nascimento, à redação de cadernos no Rio de Janeiro, em 1983. Da esquerda para a direita: Maria da Glória Rodríguez, Lopo do Nascimento, Neiva Moreira, Cláudia Guimarães e Cristina Canoura



Almirante Rosa Coutinho (de camisa), do Movimento 25 de Abril, de Portugal, conversa com Neiva Moreira, Josué Guimarães e Altair Campos





A abertura para a África - No período em que a revista era feita em Lima, novas e importantes perspectivas se abriram para o projeto. Neiva e eu havíamos estado na África, convidados inicialmente pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e depois pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Foi assim que tivemos o privilégio de acompanhar o nascimento de dois países: em 24 de junho de 1975, a Frelimo conquistou a independência, após duas décadas de guerra contra o colonialismo português, e em 11 de novembro do mesmo ano, com o país invadido por Zaire e África do Sul, o MPLA proclamava em Luanda a independência dessa rica colônia.

Dirigentes de ambos os partidos nos haviam mostrado a importância que tinha para eles poder contar com uma revista como **tercer mundo**, feita por jornalistas independentes com cuja visão do momento histórico se sentiam identificados. Estavam dispostos, portanto, a nos ajudar a lançar uma edição em português, já que poucos de seus quadros liam espanhol. Um número piloto em português - dedicado à independência de Angola - foi publicado em Lisboa, tendo o jornalista brasileiro Josué Guimarães como editor.

O fim de uma etapa - Ao regressar à América Latina depois de seis meses na África, compreendemos que aquele precário esquema da edição (metade feita em Lima-metade em Buenos Aires) havia chegado ao fim.

Para piorar, não só na Argentina havia se deteriorado a situação: no Peru debilitado pela doença que o mataria alguns meses mais tarde, o general Velasco Alvarado havia sido deposto pelo general Morales Bermúdez. Apesar de abegar compromissos com a revolução liderada por Velasco, Morales em pouco tempo demonstrou ter outros objetivos e nossa presença em Lima passou a incomodar.

A partir da relação que Neiva Moreira havia estabelecido com Velasco, quando escreveu em 1973 o livro "Modelo peruano", nossa equipe - a qual se haviam juntado Gregorio Selser e Horacio Verbitsky, e mais tarde, Roberto Bissio e Cristina Canoura - tinha uma atuação destacada na grande imprensa limenha (que Velasco tinha expropriado e entregado aos setores organizados do movimento popular peruano). Esse currículo, associado ao fato de sermos exilados, era suficiente para que fôssemos novamente convidados a deixar o país.

Cercados de ditaduras, a única opção que

(IPS), da qual havia sido cofundador, e partiria para Roma, onde mora até hoje. Julia Constenla já estava na Itália desde que havia sido obrigada a abandonar a Argentina. Nossa equipe inicial passava a estar geograficamente dividida.

O renascimento no México - Não foi fácil chegar ao México. A grande afluência de exilados tinha feito com que as autoridades migratórias atuassem com mais rigor. Depois de passar alguns meses tentando em Lima obter um visto para Neiva, em um documento de viagem (substituto do passaporte, para



O líder do Movimento Popular para a libertação de Angola, Agostinho Neto, é empossado como primeiro presidente do país em 11 de novembro de 1975 por Lúcio Lara, secretário geral do MPLA

parecia viável para não abandonarmos a América Latina era tentar chegar ao México. Não tínhamos muito contato com as forças progressistas mexicanas, mas sabíamos que o governo punha em prática uma política de grande solidariedade para com os exilados.

Buscávamos ficar na América Latina por muitas razões, mas uma das que mais pesava era poder continuar o projeto da revista, que continuava sendo um dos sonhos que nos dava ânimo para enfrentar as eventuais adversidades.

No entanto, a saída do Peru tinha um preço: devido às dificuldades econômicas que todos nós enfrentávamos, Pablo não podia desprezar uma oferta importante do diretor da agência de notícias Interpress Service

exilados) peruano que estava próximo de vencer e não ia ser renovado, chegamos à conclusão de que só do México poderíamos conseguir alguma coisa. Genaro Carnero Checa, um grande amigo peruano que estava no México na Federação Latino-Americana de Jornalistas (Felap), mantinha contato conosco por telefone quase semanalmente. Resolvemos que o melhor era que eu viajassem para o México. Estávamos em setembro de 1976.

Além de Genaro, minhas referências no México eram Francisco Julião, o legendário líder das Ligas Camponesas, a quem eu não conhecia pessoalmente; Maluza Stein, uma exilada brasileira com quem havia feito amizade em Montevídeo,

FOTO: BEATRIZ BISSIO



e Julieta Cohen, naquele momento reitora da Universidade do Terceiro Mundo, fundada por Luis Echeverría, que passou mais tarde a funcionar como Instituto do Terceiro Mundo, voltado para os estudos acadêmicos.

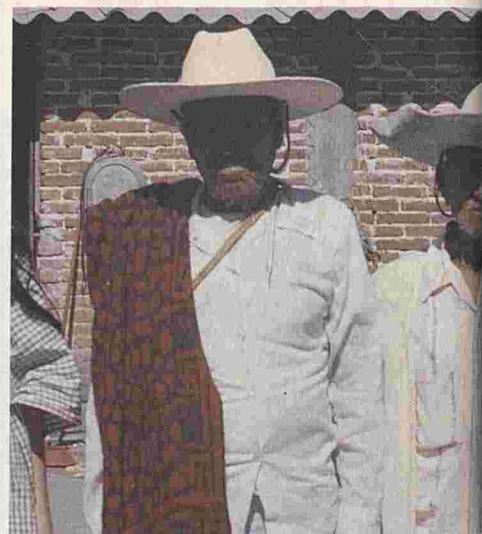
Havia conhecido Julieta na Tanzânia, no ano anterior, quando estivemos fazendo reportagens em vários países africanos e ela integrava a comitiva do presidente Luis Echeverría, em viagens por várias regiões do Terceiro Mundo. Julieta me acolheu com grande carinho em sua casa, quando soube que eu estava sozinha no México, em um hotel. E foi ela quem nos apresentou a Enrique Cortés, um engenheiro amigo dela, sonhador e idealista, que passou a ser um dos mais fervorosos militantes da causa de relançar a revista no México e emprestou seu nome para organizar todos os aspectos legais (entre outras exigências, o diretor tinha que ser um mexicano).

Todos esses amigos, e outros que fui conhecendo, na medida de suas possibilidades, contribuíram para que pouco mais de um mês depois, finalmente, o visto de Neiva fosse concedido. Ganha a primeira batalha, restavam ainda pela frente outros desafios a vencer para tornar realidade o projeto de relançar a revista no México. De concreto, só existia um sonho em nossas cabeças. Não tínhamos dinheiro (acho que, ao todo, nós dois tínhamos 400

dólares), não tínhamos onde morar, nem muito menos um visto que nos assegurasse uma longa permanência. Foi outro amigo, Rafael Roncagliolo, um especialista peruano em comunicação, que acabou nos abrindo uma perspectiva promissora.

A amizade com Rafael havia surgido em Lima, onde dirigia com Paco Moncloa o jornal *Expresso*, que Velasco havia entregue aos trabalhadores da educação. Da equipe de redação também participava Paulo Cannabrava Filho, outro exilado brasileiro que esteve muito ligado ao projeto de *cuadernos* desde o seu começo. Rafael conhecia a revista e compartilhava a esperança de vê-la circulando novamente. Exilado no México por seus vínculos com Velasco, estava trabalhando no Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais (Ilet), cujo diretor era Juan Somavía, atual embaixador do Chile nas Nações Unidas.

Rafael nos levou ao Ilet - que funcionava numa grande casa próxima ao Instituto do Terceiro Mundo - onde tivemos uma primeira conversa com Fernando Reyes Matta, também chileno, ex-secretário de imprensa do presidente Salvador Allende. Neiva e Fernando haviam estado juntos em Argel em 1973, durante a V Conferência de Cúpula do Movimento Não-Alinhado, marcada pela tragédia do golpe no Chile, que ocorreu



durante a realização do evento. Fernando também conhecia a revista e em seguida marcou um encontro com Somavía. Em poucos minutos a solução havia sido encontrada: o Ilet nos faria um empréstimo a fundo perdido para garantir a publicação de três números da revista. A partir daí, teríamos pela frente o desafio de conseguir tornar o projeto auto-suficiente.

Surge "cuadernos" - Foram meses de intenso trabalho. Tínhamos tantos problemas para resolver, desde os domésticos aos legais, passando pelos de infra-estrutura, que parecia infinito o tempo que demorava o preâmbulo do que mais nos interessava: começar a produzir a revista.

Nesses meses fomos conhecendo mais pessoas, mexicanos e exilados de todo o

A resistência palestina foi muitas vezes abordada na revista. Na foto, tomada no Castelo Beaufort, no sul do Líbano, Beatriz Bissio está acompanhada de comandantes palestinos que defendiam essa posição, numa área muito próxima à faixa controlada por Israel. Meses mais tarde, Israel tomou esse castelo medieval e todos os combatentes palestinos foram mortos



A revolução cubana e a cooperação desse país caribenho com os povos do Terceiro Mundo foi motivo de várias reportagens. Na foto: estudantes voluntários cubanos em Angola, integrados ao projeto de alfabetização. A reportagem "Os cubanos tentam África", que foi capa na revista, acabou se transformando em um livro





Os sobreviventes das lutas lideradas por Emiliano Zapata durante a Revolução Mexicana de 1910 foram objeto de uma reportagem de capa de cadernos

continente, que de uma forma ou de outra se interessaram pelo projeto e contribuíram para torná-lo realidade. Seria inútil tentar citar todos, porque foram muitos. Vou mencionar apenas um deles, porque sua intervenção foi muito curiosa.

Quando tudo estava encaminhado para o lançamento, fizemos um requerimento formal às autoridades do Ministério da Educação para obter o registro do nome da revista. O próprio ministro nos recebeu. Era Porfirio Muñoz Ledo, que fora representante do México na ONU e nessa condição presidente do Conselho de Segurança, e hoje é senador e presidente do Partido Revolucionário Democrático (PRD), dissidente do PRI.

“Tenho uma má notícia para dar a vocês”, disse ao receber-nos. “O nome tercer mundo está registrado. Mas nem

tudo está perdido. Nossa lei permite que se utilizem variantes. Por que vocês não põem à frente a palavra **cuadernos**? Assim eu posso registrar.”

E foi o que fizemos, como os leitores já sabem, porque esse é o nome que a revista tem até hoje.

Da cozinha à gráfica -

Impossibilitados pela falta de recursos de alugar uma sede para a revista, o primeiro número foi montado na cozinha da pequena casa que Enrique Cortés havia conseguido para nós, que estava construída nos fundos da residência de sua mãe. Ali morávamos com o almirante Jorge Dellepiane, com tão poucos recursos como nós e exilado por sua intensa participação no governo de Velasco Alvarado, no qual havia sido responsável pela organização da chamada “propriedade social”, que era a participação dos empregados na gestão e na propriedade acionária das empresas.

O uruguaio Ariel Hernández era o “editor de arte”, que em nosso caso significava ser responsável por todo o processo posterior à definição dos textos, isto é, da diagramação à montagem.

O lançamento foi emocionante. A sede da Felap estava tão cheia de gente que houve quem ficasse do lado de fora e o mestre de cerimônias foi Genaro Carnero Checa. Toda a colônia de exilados e os

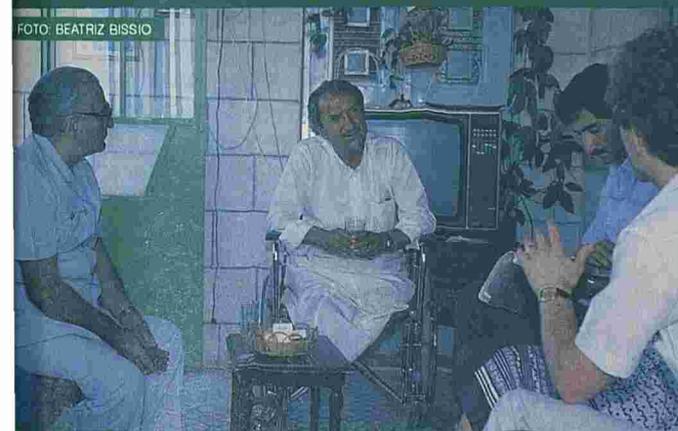
mexicanos que estavam comprometidos com a defesa dos direitos humanos e a luta contra as ditaduras do continente estavam ali representados. Em fevereiro de 1977, o sonho de voltar a editar a revista se tornou realidade.

Pablo, de Roma, mantinha contato conosco enviando suas colaborações através da IPS e, em poucos meses, depois de comunicar aos amigos africanos que **tercer mundo** estava circulando novamente, começamos outra batalha: fazer a edição em português.

Nesse intervalo havíamos alugado uma pequena sede, na avenida Insurgentes Sul, e novos colaboradores iam se incorporando ao projeto, entre eles Irene Selser, filha do jornalista Gregorio Selser, e o capitão da Força Aérea uruguaia Gerónimo Cardozo, exilado por suas posições constitucionais e sua fidelidade ao general Liber Seregni, presidente da Frente Ampla, que se encontrava na prisão, onde passou onze longos anos. A partir de um artigo sobre militares progressistas que suscitou muita polêmica, Gerónimo havia se integrado à equipe permanente e exercia as funções de administrador.

A revista ia de vento em popa no que se refere à circulação, embora sempre estivesse no “vermelho” em termos financeiros, porque não tínhamos publicidade, mas esse dado já era permanente em

Situação nos territórios ocupados por Israel também teve destaque em cadernos. Na foto, Neiva Moreira entrevista em Nablus, Cisjordânia, Bassam Shakaa, líder palestino e ex-prefeito da cidade, que perdeu suas pernas em um atentado realizado por israelenses



A Índia e os temas asiáticos, em geral, foram enfocados na revista com ênfase no aspecto cultural. Uma reportagem de capa dedicada à questão social na Índia teve grande repercussão nos anos 80





FOTOS: BEATRIZ BISSIO

O mundo árabe e muçulmano foi analisado com diferentes enfoques nas páginas de cadernos. Na foto à direita: mulheres nômades refugiadas da seca na Somália. À esquerda: conferência de solidariedade com a Líbia, em Trípoli

nossa história. O que nos enchia de orgulho era, justamente, poder sobreviver exclusivamente com o dinheiro das vendas e das assinaturas e, particularmente, uma interessante penetração nos Estados Unidos, sobretudo no sul, onde se fala talvez mais o espanhol do que o inglês.

Um "gringo" em cadernos

- Um dia aconteceu uma coisa muito curiosa. Como éramos poucos na equipe permanente, a essa altura cada um de nós desempenhava múltiplas funções: desde a própria produção da revista às tarefas de limpeza do escritório, fazer pacotes para o correio, responder a correspondência etc. Gerónimo estava em plena faxina, com uma vassoura na mão, quando tocaram a campainha. Atendeu e era um "gringo" típico: dois metros de altura, branco "leite", óculos fundo de garrafa, livros debaixo do braço. Em um espanhol "passável" se apresenta como *scholar* de uma universidade dos Estados Unidos com uma tese de doutorado sobre a imprensa alternativa latino-americana. Objeto de estudo: aquela publicação que, na opinião de seus colegas, era a melhor expressão de um projeto vitorioso: *cuadernos del tercer mundo*.

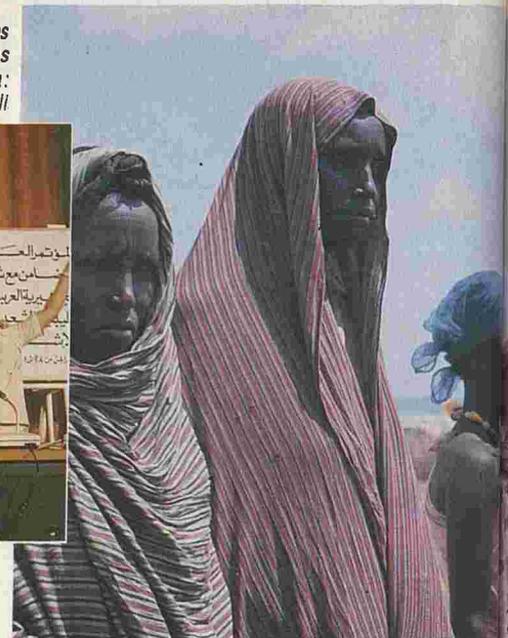
- Primeiro preciso falar com o *manager* - disse.

O gerente sou eu - respondeu Gerónimo, sem saber o quê fazer com a vassoura.

- E o diretor?, perguntou, perplexo.

Gerónimo apontou para o Neiva, empenhado na árdua tarefa de fechar um pacote de revistas para pôr no correio. O *scholar* teve um choque: deu uma rápida olhada pela sede, que estava com tudo à mostra, de tão pequena que era, perguntou se toda a equipe e a infra-estrutura era aquela que estava vendo e, diante da resposta afirmativa de Gerónimo, deu meia volta, disse que havia se enganado de objeto de estudo e nunca mais apareceu.

Em compensação, a revista foi objeto



de estudo em outras realidades, mais interessantes para nossos ideais: os movimentos guerrilheiros de El Salvador, Nicarágua e Guatemala a introduziam clandestinamente nas áreas sob seu controle e com nossos artigos como livro de texto alfabetizavam os camponeses e, ao mesmo tempo, os ajudavam a melhorar sua consciência política.

Um dos fatos mais interessantes de nossa história como publicação é termos sido cenário de uma importante reunião, na qual os grupos políticos e movimentos guerrilheiros que convergiram para formar a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) em El Salvador, se sentaram pela primeira vez para dialogar - após três anos de confronto por diferenças ideológicas e táticas. A reunião, realizada em nossa sede no México, foi presidida por Neiva, com a colaboração dos amigos e exilados brasileiros Herbert de Souza (Betinho) e Theotonio dos Santos.

Novamente a África - Com enormes dificuldades conseguimos voltar à África, em 1977, para retomar o projeto da edição em português. As comunicações com Angola e Moçambique eram precárias, porque a infra-estrutura que ambos os países haviam herdado era muito deficitária e porque a guerra prosseguia, localizada em certas regiões, desviando para gastos militares preciosos recursos que teriam sido necessários para o desenvolvimento.

Editar a revista em português era muito importante porque, além de servir para a formação de quadros em Angola e Moçambique e de circular em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, tínhamos a esperança de que algum exemplar entrasse no Brasil, que naqueles anos dava tímidos passos rumo à abertura democrática.

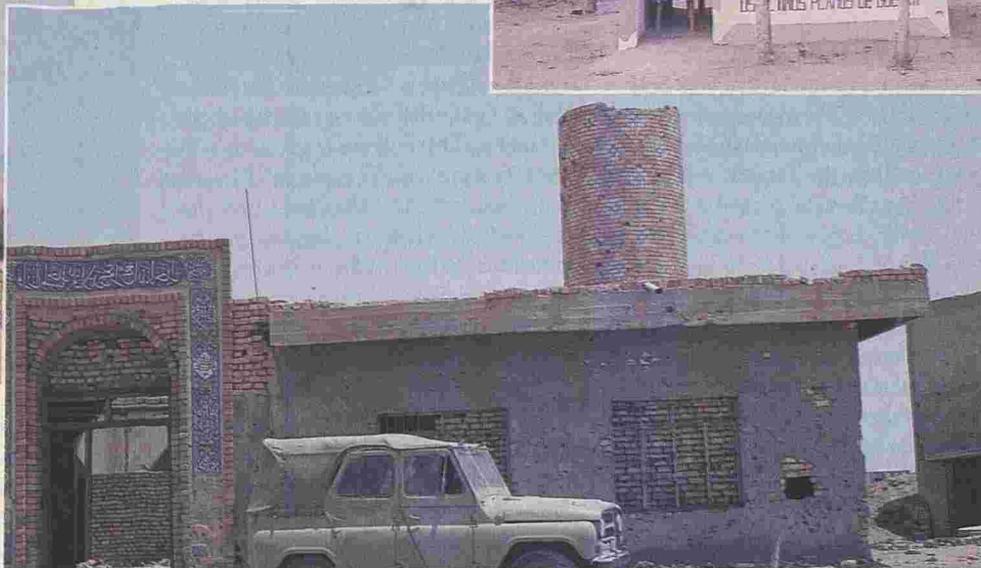
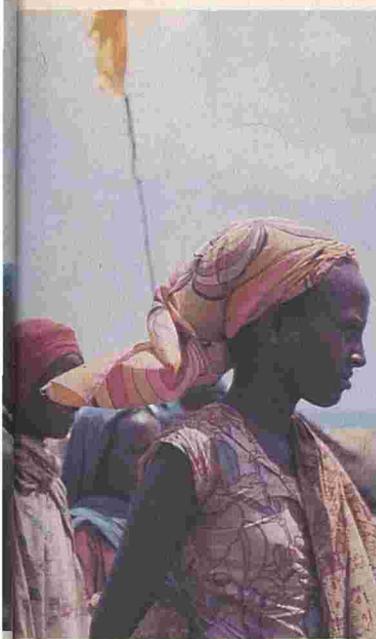
Mas a viagem à África tinha uma complicação: quando finalmente pudemos ultimar todos os detalhes, arduamente negociados, eu estava grávida de quatro meses. A esta altura, desistir era impossível; Neiva e eu partimos, com a esperança de que o ritmo das negociações fosse suficientemente rápido para retornar a tempo ao México.

A viagem permitiu consolidar os laços que já tínhamos com Angola e Moçambique, atualizar nossas informações e fazer novas reportagens. Em Angola, via jamos, além do mais, à província petrolífera de Cabinda, naquele momento cenário de uma suposta guerra secessionista, mas que na verdade era um complô das grandes potências para arrancar do povo angolano aquele pedaço fundamental de seu território.

Em Moçambique, conhecemos e entrevistamos Robert Mugabe, exilado em Maputo, que de lá comandava as forças da Zanu (União Africana do Zimbábue) e a



As zonas libertadas no norte de Moçambique foram mostradas em cadernos. Na foto, a cabana onde se reuniam os comandantes moçambicanos que derrotaram as forças militares portuguesas



A guerra Irã-Iraque, que antecedeu a Guerra do Golfo, e o próprio conflito que marcou o início da "nova ordem" pós-Guerra Fria foram analisados por cadernos. Na foto: uma mesquita destruída na cidade de Fao, fronteira do Irã com o Iraque

guerra contra o regime da antiga Rodésia. Voltamos a estar com Agostinho Neto e Samora Machel - dois estadistas que, cada um a seu modo, cativavam quem os conhecia - e definimos os detalhes da edição em português.

Em relação a este projeto, não podemos deixar de registrar aqui o entusiasmo e carinho recebidos da parte de dois dirigentes angolanos, aos que nos unem laços de amizade e respeito: Lopo do Nascimento, primeiro-ministro no governo de transição e posteriormente responsável por importantes áreas da administração, e o escritor e poeta Manoel Rui, um intelectual que, como tantos outros de seu país, colocou seu talento a serviço da emancipação de seu povo.

O contato com o mundo árabe

- Quando estávamos em Moçambique soubemos que havíamos sido convidados a visitar o mundo árabe, particularmente Iraque e Líbano, através da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), com a qual tínhamos estabelecido uma boa relação no México. Antes de ir a Portugal, para definir o lançamento da edição em português, iríamos portanto ao Oriente Médio.

Esse contato com os palestinos, libaneses, iraquianos e sírios nos abriu um novo espaço de trabalho e se colocou pela primeira vez o assunto da edição em inglês e a edição em árabe da revista. A primeira chegou a ser realidade algum tempo depois, porém mais voltada para o público norte-americano. A segunda nunca chegou a sair do papel, em parte porque, quando fomos a Beirute para discutir os detalhes com a OLP em 1982, fomos pegos de surpresa pela invasão israelense ao Líbano. Ao obrigar a direção palestina a sair da capital libanesa e reiniciar todo seu trabalho na Tunísia, a invasão acabou também cancelando o projeto da revista em árabe.

Em Lisboa ultimamos os detalhes da edição em português, que ficaria a cargo do capitão brasileiro Altair Campos, exilado após ter sido trocado pelo embaixador alemão, e do coronel português Artur Batista, ex-chefe de operações do Copcom (Comando Operacional do Continente, uma

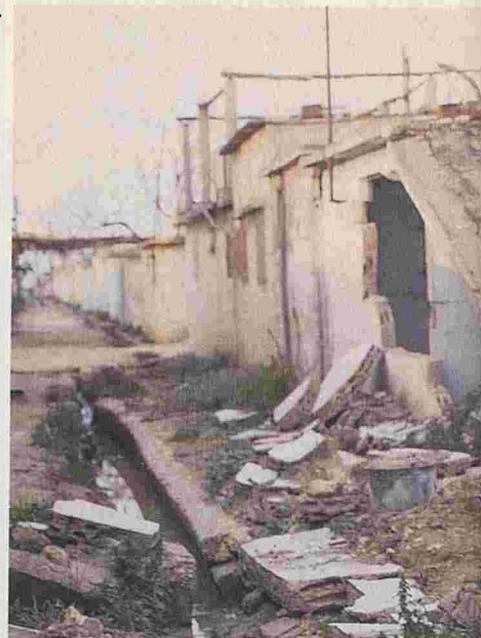
força de elite do exército português), ativo dirigente do movimento que resultou na Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974. Sem aparecer diretamente, um grande brasileiro deu uma substancial contribuição para tornar realidade esse projeto: o juiz exilado Carlos Sá. Funciona até hoje em Lisboa a sede histórica dos cadernos na Calçada do Combro, onde agora a equipe coordenada por Artur edita livros de temas afins aos da revista.

Em 1986 decidimos unificar as edições portuguesa e brasileira. Durante dois anos ambas foram feitas no Rio de Janeiro, sendo o jornalista português Carlos Pinto Santos responsável pela que se destinava à África; com ele colaborava seu compatriota Raúl Gonçalves.

Um dado complementar: vinte dias após o regresso do México, dessa viagem determinante que deu início à edição em português e aos vínculos com a Ásia, nasceu nossa filha, que desde o ventre compartilhou as dores dos povos do Terceiro Mundo.



A guerra no Líbano: crianças palestinas nas ruínas de uma casa em um dos campos de refugiados do sul do Líbano



O "Guia" e a edição em Inglês

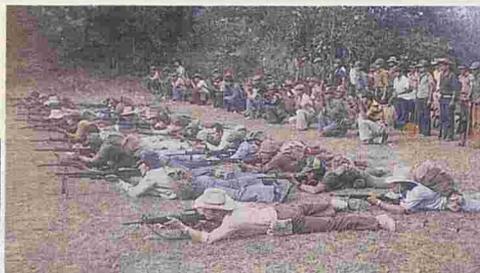
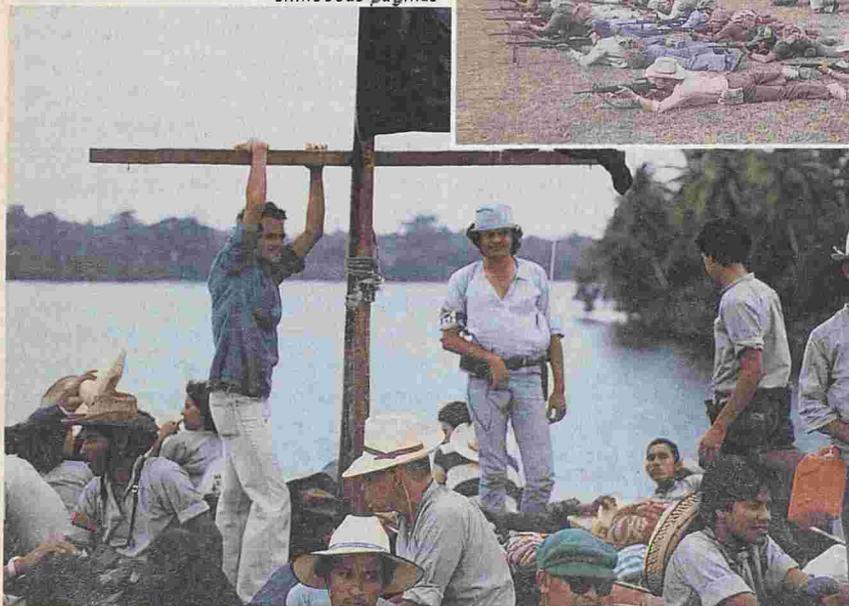
- Depois do lançamento da edição em português o projeto deixou de ser latino-americano para ser realmente terceiro-mundista. Não estava em nossos planos de 1974 essa expansão, porque era sonhar muito alto para quem dava aquele tímido primeiro passo. Como consequência da evolução do trabalho, surgiram dois novos projetos: o **Guia do Terceiro Mundo**, que foi lançado pela primeira vez em janeiro de 1979, e a edição em inglês, a **Third World**.

Roberto Bissio foi, desde o início, o editor responsável pelo **Guia**, um anuário que tinha como principal característica contar a história dos países do Terceiro Mundo com a perspectiva do Sul, recriando-a, em muitos casos, a partir de fontes originais. Hoje ampliado para **Guia do Mundo**, é editado em Montevideu pelo Instituto do Terceiro Mundo (Item), em espanhol e inglês e tem uma versão em CD-ROM, fruto da colaboração com a Universidade de Upsalla (Suécia).

Através de Julião conhecemos no México uma figura inesquecível, o jornalista inglês Cedric Belfrage, expulso dos Estados Unidos na época do macartismo por suas posições independentes. Com o apoio de outro amigo mexicano que havia se entregado de corpo e alma à revista, o economista Fernando Molina, Cedric Belfrage organizou a edição em inglês, **Third World**, que teve sete números (maio de 1979/março de 1981) em sua etapa mexicana. Anos mais tarde foi retomada, já no Rio de Janeiro, com os jornalistas Carlos Castilho, brasileiro, e Bill Hinchberger, norte-americano, como editores nossos países, porque eram as dificuldades do exílio, a repressão e a luta em favor da democracia que uniam todos os que se incorporavam ao projeto. E foram a repressão e o exílio que nos levaram de um país a outro, carregando na bagagem o ideal de um jornalismo comprometido com as lutas populares.

Quando estávamos praticamente consolidados no México, em setembro de 1979, veio a notícia da anistia no Brasil.

A revolução na Nicarágua (esquerda) e a guerra civil em El Salvador (direita) estiveram sempre presentes em nossas páginas



Impossível pensar em adiar o desejo tão longamente acalentado por Neiva Moreira de voltar à sua pátria. Com ele, acabaríamos se transferindo para o Rio de Janeiro aqueles que formavam o núcleo central da revista, abrindo uma nova etapa de nossa vida editorial, a etapa brasileira.

Em junho de 1980, depois de vencer novamente o desafio de outra mudança de país, dispostos a começar de novo para contribuir, dentro de nossas modestas possibilidades, para a consolidação da abertura democrática, lançamos o primeiro número da edição brasileira. Era o número 24 da edição em português. Decidimos manter as edições, no Brasil e em Portugal, pois cada uma atendia a públicos diferentes.

No Brasil organizamos o lançamento na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro, em um ato prestigiado pelo dr. Barbosa Lima Sobrinho, eminente jornalista que preside a ABI. Desde o começo encontramos uma boa acolhida, mas ainda era muito forte o medo inculcado por longos anos de ditadura. Custou um bom tempo para que pudessemos convencer os leitores que poderiam assinar cadernos sem sofrer represálias.

A fase brasileira - Esta etapa de nossa história é mais recente e, portanto, mais

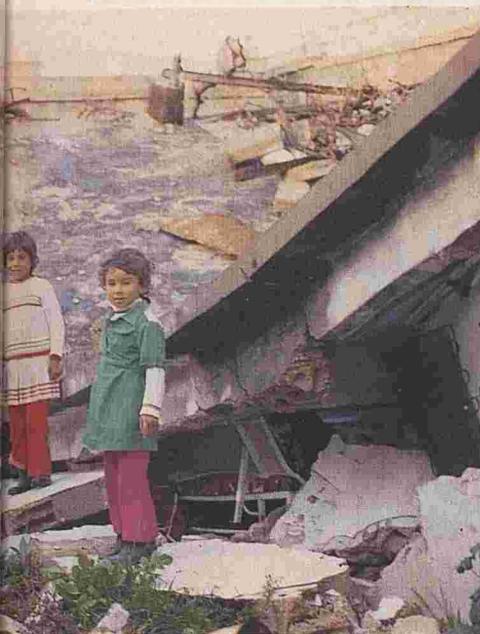


FOTO: BEATRIZ BISSO

havia passado durante a etapa mexicana para um tamanho menor - e criamos o Suplemento de temas brasileiros, agora incorporado ao corpo da revista, cujo primeiro editor foi o jornalista Procópio Mineiro.

Em 1985, lançamos a revista **TerraFirme**, uma publicação trimestral destinada ao público brasileiro, de caráter teórico, e portanto de alcance mais restrito, mas com metas similares às de **cadernos**. Neiva era o diretor, junto com Ruy Mauro Marini e Vânia Bambirra e Maluza Stein, a editora. Mas o projeto não prosperou por razões financeiras.

O regresso ao Rio da Prata - Outro passo importante foi o relançamento da edição em espanhol para o Rio da Prata, depois da abertura política no Uruguai e Argentina. Lá havíamos nascido e voltar com o projeto tantos anos depois tinha um sabor especial.

A edição em espanhol é distribuída a partir de Montevidéu, mas é produzida no Rio. Roberto Bardini e Marcelo Montenegro, ambos argentinos, dividem as responsabilidades editoriais. O jornalista argentino Aldo Gamboa, agora à frente da sucursal brasileira de uma agência de notícias, foi outro dos editores responsáveis. Durante algum tempo tivemos um

suplemento centro-americano, para a edição que circulava no México, cujo editor foi Bardini (agora radicado no Rio, incorporado à redação central) com apoio da jornalista chilena Frida Modak.

Um passo significativo da etapa brasileira foi a informatização de todo o processo de produção e a transformação do velho arquivo em um Centro de Documentação sobre o Terceiro Mundo que inclui um vasto arquivo iconográfico. Aberto ao público, o centro atende a pesquisadores de várias partes e instituições, além de ser a fonte de consultas de toda a nossa equipe editorial. À frente do Centro de Documentação está Jessie Jane Vieira de Souza, ex-presa política e hoje cursando pós-graduação em história. A equipe é completada por um grupo de jovens e competentes profissionais, muitos dos quais foram se formando em nossa editora, como Juliana Iooty, Sílvia Arruda, Mônica Perez, Marcus Sanches, Luciane Santos Reis, Rosângela Ferreira, Marco André da Luz, Leyla Câmara e o fotógrafo A.C. Júnior.

A experiência acumulada ao longo de todos estes anos nos permitiu ampliar a família editorial com novos lançamentos: as revistas **Ecologia e Desenvolvimento** (março de

conhecida de nossos leitores. Não necessitamos dar muitos detalhes, mas é importante mencionar que aqui nos enriquecemos com a incorporação de novos quadros, que passaram a viver tão intensamente como nós o desafio de continuar o projeto. Daqueles tempos iniciais no Brasil estão conosco dois companheiros muito queridos: Cláudia Guimarães, que recém-formada em jornalismo, passou por sua prova de fogo profissional nas páginas de **cadernos** e hoje é responsável pela parte internacional da edição brasileira, e Henrique Menezes, também jornalista, que, por várias razões, acabou à frente do departamento administrativo. Cláudia, filha de Neiva, e dele separada pelo exílio, se reencontrava no projeto editorial da revista com os ideais e a figura de seu pai.

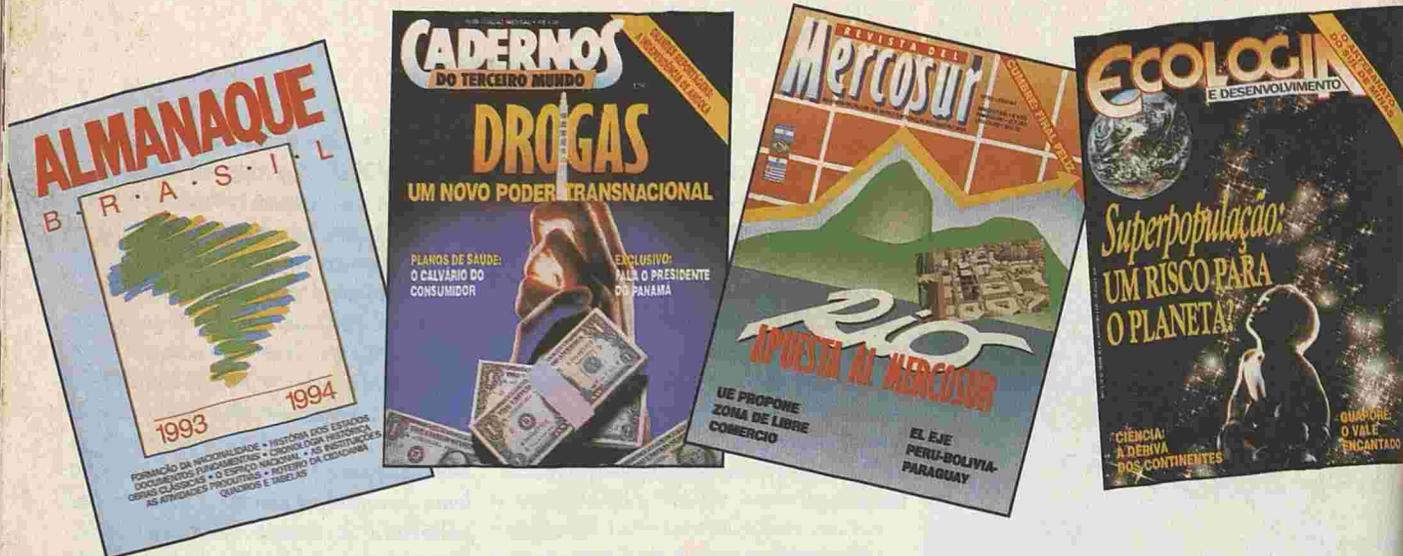
Nilton Caparelli foi o primeiro editor e José Carlos Gondim, que começou como revisor, foi durante os anos que passou no Rio uma peça fundamental da equipe. Praticamente desde o começo também estão conosco Cléa Márcia Soares e Macário Costa, que, cada um em sua especialidade, muito também nos ajudaram. Hoje ambos dominam o espanhol, depois de anos de "escola" em **cadernos**.

No Rio de Janeiro, lançamos a edição brasileira do **Guia do Terceiro Mundo** (existia já uma edição em português em Lisboa), e relançamos a edição em inglês, **Third World**; mudamos o formato da revista - que depois de ter nascido com o atual,

FOTO: BEATRIZ BISSO



Com a abertura democrática, **cadernos** voltou ao Rio da Prata. Na foto: a Frente Ampla se reorganiza no Uruguai depois dos anos de ditadura



A estabilidade democrática alcançada no Brasil permite a consolidação de cadernos e o surgimento de novas publicações, como Ecologia e Desenvolvimento, Revista do Mercosul e o Almanaque Brasil

1991) e **Revista do Mercosul** (maio de 1992) e o anuário **Almanaque Brasil**. Com elas, novos companheiros se incorporam ao projeto: Elias Fajardo, jornalista com incursões de êxito no terreno da literatura, crítica e da pintura; José Augusto Ribeiro, figura muito conhecida dos telespectadores brasileiros por anos de trabalho na Rede Bandeirantes e na televisão Educativa (TVE); o jovem Vladimir Platonow, um gaúcho que trouxe de sua passagem por *Zero Hora*, de Porto Alegre, uma grande confiança nos rumos do Mercado Comum do Sul (Mercosul), e o historiador e pesquisador Ivan Alves Filho, responsável pela 1ª edição do **Almanaque Brasil**, e que anteriormente já havia trabalhado na produção do **Guia**.

Com Elias, na parte de temas brasileiros de **cadernos** e em **Ecologia**, colaboram dois ativos representantes da nova geração de jornalistas brasileiros comprometidos, Patrícia Costa e Marcelo Monteiro. Vladimir, por sua parte, conta com o apoio de Rosa de Carvalho e Gabriela Temer, duas jovens recém-saídas da faculdade de jornalismo que estão dando na **Revista do Mercosul** seus primeiros passos profissionais. Como curiosidade, vale registrar que Gabriela nasceu, como a revista, em setembro de 1974.

Estes avanços editoriais exigiram um desafio de sofisticar a parte visual. Nosso atual editor de arte é o jovem Nazareno N. de Souza, que por trás de sua modéstia esconde um inegável talento gráfico. Também integra a equipe de arte Roberto S. Lourenço, que além de contribuir com sua criatividade ao projeto, é responsável pelas caricaturas de todos os membros da equipe...

Na parte gráfica, contamos hoje com recursos como CD-ROM e *scanner* que nos permitem ampliar as possibilidades técnicas da capa e produzir uma revista sofisticada como **Ecologia e Desenvolvimento**. A este setor se incorporaram Andréa Correa e Paulo Henrique Rodrigues, que, junto com Valdenir Peixoto (que além de revisor é nosso "assessor para assuntos astrológicos") e Janice de Aquino (secretária e "assessora de moda") formam a equipe de produção das revistas. Os demais companheiros das outras áreas, como publicidade e marketing, distribuição, administração, restaurante, serão apresentados na seção que dedicamos a toda a equipe do Rio de Janeiro (ver página 40).

A luta continua - Sem dúvida, um longo percurso nos separa daquela noite de lançamento em Buenos Aires. Alguns companheiros de ideais que foram amigos e colaboradores já não estão

entre nós. Muitos deles foram vítimas - direta ou indiretamente - da repressão. Mas o importante é que continuamos confiando que é possível pôr a informação a serviço das lutas populares.

Neste momento político tão complexo, em que as democracias pelas quais tanto lutamos estão caindo no descrédito pela corrupção e pela falta de sensibilidade das elites, em que não surgiu ainda uma proposta clara para dar continuidade ao que o socialismo tinha de bom, em que um Berlusconi toma o poder pela tela da TV, usando um instrumento que é uma concessão do Estado para tentar demolir esse Estado, em que os poderosos manipulam o racismo e a religião para fins inconfessáveis, a tarefa que se propõem a fazer um jornalismo independente é muito mais desafiadora que há vinte anos. Os inimigos já não são tão nítidos, os valores éticos estão diluídos e os paradigmas foram questionados.

Mas por isso mesmo é tão importante não abandonar a luta. Porque o que nos oferecem como alternativa aqueles que manipulam o poder são as velhas propostas com nova roupagem. O Terceiro Mundo tem o enorme desafio de voltar a erguer a utopia. E para isso necessita não de um, mais de milhares de projetos como o nosso. ■